



RNAmensageiro

# Poder na Universidade

Nº 4 – 2009 / Outubro

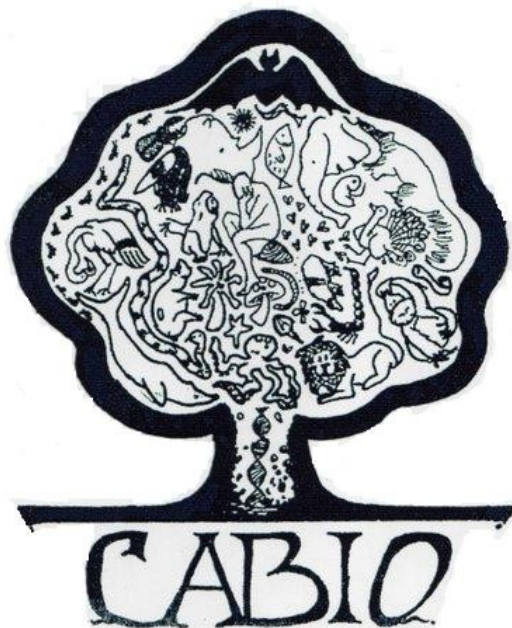
## EDITORIAL

Olá pessoal. Depois de alguns meses sem a publicação do nosso jornal, aqui vai a 4ª edição desse ano. Além de algumas notas, escrevemos um texto relatando o sucesso do “Bio na Rua” – programa de extensão que realizamos pela primeira vez no Parque do Ibirapuera – e alguns textos sobre as eleições de reitor e a estrutura de poder na universidade. Em virtude de toda a discussão gerada no primeiro semestre, gostaríamos que tais textos servissem para fomentar a discussão no nosso curso. A partir da próxima semana, haverá atividades aqui na Bio pra todo mundo poder se informar e dar seu pitaco. Portanto, não deixem de ler o nosso querido RNAm e participe das próximas atividades. Por fim, para quem quiser contribuir nas próximas edições do RNAm e torná-lo mais regular, é só enviar seu texto no e-mail da entidade: [sphncabio@gmail.com](mailto:sphncabio@gmail.com).

Desejamos a todos uma ótima leitura!

**SPHN-CABIO**

**Gestão “Candeia” 08/09**



## ÍNDICE

Notas do CA.....	02
O Mérito e a Democracia.....	03
Análise do Estatuto e Regimento Geral da USP.....	04
Como a Estrutura de Poder nos Influencia.....	06
Bio na Rua .....	08
Momento Lúdico.....	10

# NOTAS DO CA

## Semana do Biólogo

Nos últimos dias 2, 3 e 4 de Setembro, foi organizada a Semana do Biólogo – parceria realizada entre o CABIO e a Comissão de Cultura e Extensão (CCEX) – em comemoração ao dia do biólogo (3/9).

No dia 2/9, os professores Paulo T. Sano, Sérgio Rosso e Sônia Lopes debateram com os estudantes diversas questões referentes à nova grade curricular do IB. Ao final da discussão, foi sugerido que os estudantes elaborassem um documento para ser encaminhado aos departamentos expondo suas posições a respeito da nova grade curricular, suas concepções e sua aplicação. Já no dia 3/9, houve uma mesa-redonda que discutiu o tema de “Ética em pesquisa”. Cabe destacar a participação da professora Eleonora Trajano no debate. Por fim, no dia 4/9, a professora Regina Mingroni Netto, representante suplente do Conselho Regional de Biologia, apresentou, em sua palestra, o CRBio. Em uma conversa informal, a professora expôs o conselho e discutiu temas referentes à profissão do biólogo.

Por fim, o CABIO gostaria de agradecer aos funcionários que ajudaram na organização do evento, principalmente aos funcionários do áudio-visual, à CCEX, à diretoria do IB pelo apoio e a todos que tornaram essa semana possível.

## Bio na Rua

No dia 12/9, vários estudantes da Bio estiveram no Parque do Ibirapuera para organizar pela primeira vez um programa de extensão bastante tradicional em outras faculdades: o “Bio na rua”. Trata-se de um evento de divulgação do conhecimento produzido na faculdade e também de divulgação de algumas das atividades do biólogo. O programa foi sucesso de público e aqueles que participaram já começaram a pensar em coisas novas para a edição do próximo ano. Portanto, se você tem interesse em participar do evento converse com a diretoria do CA ou envie um e-mail para a entidade.

## Eleições para reitor

No final desse mês e no próximo mês, haverá o processo de eleições para reitor da USP. O reitor da USP é escolhido em sistema de dois turnos. No primeiro turno, os representantes do Conselho Universitário (CO), dos conselhos centrais (CoG, CoCEX, etc) e das congregações das unidades votam. Os oito nomes mais votados seguem ao segundo turno, em que votam os representantes do CO e dos conselhos centrais. Todos os professores titulares da universidade são candidatos potenciais ao cargo, mas apenas 7 professores estão fazendo campanha: João Grandino Rodas (Diretor da Faculdade de Direito), Glaucius Oliva (Escola de Engenharia de São Carlos - EESC), Francisco Miraglia (IME e membro da diretoria da ADUSP), Armando Corbani (Instituto de Física e atual pró-reitor de Pós-Graduação), Ruy Altafim (EESC e atual pró-reitor de Cultura e Extensão), Sonia Penin (diretora da Faculdade de Educação) e Sylvio Sawaya (diretor da FAU). O professor de sociologia Francisco de Oliveira apresentou, com apoio da atual gestão do DCE e do SINTUSP, sua “anti-candidatura” ao cargo. O professor não está se candidatando formalmente, mas apresentando seu protesto à maneira como é escolhido o reitor da universidade. A idéia é estimular com isso o debate sobre estrutura de poder na universidade.

Na última assembléia geral dos estudantes (1/10), foi deliberado que os estudantes não irão organizar nenhuma consulta ou plebiscito em relação às eleições do reitor, mas sim organizarão um boicote às eleições. Ao mesmo tempo, diversas pautas, como a reivindicação de um processo estatuinte na universidade, que haviam sido constantemente negligenciadas durante o primeiro semestre, foram apresentadas como eixos da mobilização desse segundo semestre.

Como colocado no editorial, a partir da próxima semana, o CABIO organizará uma série de atividades para discutir as eleições para reitor e a estrutura dos fóruns de decisão da USP, baseando-se nos documentos que regem tais processos: o estatuto e o regimento geral da Universidade.



## Festas da Bio\*

### Outubro:

21 e 28 - Villa da Bio  
23 - Abate AAA  
30 - Pré Bife

### Novembro:

4; 10; 18 e 25 - Villa da Bio  
6 - Fitareta  
13 - Show de Calouros\*\*  
20 - Bixorgia

### Dezembro:

2 - Villa da Bio  
4 - Angelíadas

\* Todas as datas estão sujeitas a alteração.

\*\* Não haverá Show de Calouros caso não haja, ao menos, 10 inscrições

# O Mérito e a Democracia

*Texto publicado no RNAm especial de eleição para diretor em 8/2007*

Todos os setores da universidade participam na eleição dos cargos dirigentes. Entretanto, o peso que cada um dos setores tem na decisão é bastante diferente. Tomemos como exemplo o nosso instituto: na eleição para a diretoria, participam 67 votantes: 59 professores (88% dos votos), 7 estudantes (10,5% dos votos) e 1 funcionário (1,5% dos votos).

Mesmo entre os professores a representação é diferente: os titulares, que são 23 professores, contam com 23 votos (18,85% dos professores, 39% dos votos dos professores) e os doutores e associados, que são 99 professores, com 36 votos (81,15% dos professores, 61% dos votos dos professores).

Com um breve olhar no peso eleitoral das diferentes categorias, nos salta aos olhos a alta representatividade dos Professores Titulares. Além de serem os únicos elegíveis para o cargo de diretor, são também os únicos que se representam diretamente: um professor, um voto.

A pergunta se coloca: Afinal, o que é um professor titular? Porque esses professores são os de maior peso nas decisões na Universidade? Professor titular é o cargo máximo que um professor pode atingir na carreira. Um cargo que é cedido pela Assembléia Legislativa do Estado de São Paulo - ALESP - à Universidade, que as distribui entre os institutos. Uma vez distribuído o cargo, realiza-se um concurso onde disputam os professores associados (livres-docentes) interessados. O concurso é conduzido e julgado por professores que já sejam titulares, com base no mérito acadêmico, publicações etc. dos concorrentes.

As principais funções de comando da universidade são exercidas por esses titulares que permanecem com poder de voto nos colegiados até se aposentarem, além de serem os únicos elegíveis para os altos cargos. A universidade padece com a concentração de poderes nas mãos dessa parcela de professores, que se revezam nos principais postos de comando.

Como vimos, a justificativa para a promoção de um professor ao cargo de professor titular é meritocrática. Tal professor publica muito, tem uma linha de pesquisa importante etc. Entretanto, se esconde, por trás do mérito acadêmico, o poder político na Universidade, afastando qualquer possibilidade de gestão coletiva e democrática dessa importante instituição pública.

Ao atingir o cargo de titular, um professor imediatamente alcança um cargo político também. Se antes ele apenas servia a universidade com suas pesquisas e docência, agora ele passa a ser responsável pelas decisões administrativas, como se mérito acadêmico e decisões institucionais guardassem alguma relação.



# Análise do Estatuto e Regimento Geral da Usp

A administração pública pode ser dividida em instâncias diretas (municípios, estados e União) e instâncias indiretas (autarquias, fundações públicas, empresas estatais). As instâncias indiretas compõem a esfera pública, mas possuem autonomia organizativa, sendo orientadas por estatutos próprios que definem e regulamentam seu funcionamento interno. A USP como uma autarquia apresenta, portanto, documentos organizativos que orientam o funcionamento da universidade, sendo o Estatuto da USP e o Regimento Geral os principais documentos institucionais.

Pretendendo a discussão de tais documentos, faz-se necessária a devida contextualização do momento histórico de sua aprovação. No dia 23 de maio de 1988, o reitor José Goldemberg abriu a primeira sessão especial do Conselho Universitário destinada à discussão e elaboração da reforma do estatuto da universidade. Essa discussão se deu com base num documento elaborado por uma Comissão de Sistematização que havia dedicado vários meses a esse trabalho. A proposta de reforma vinha acompanhada de um

enorme conjunto de emendas. A maior parte dessas emendas provinha do resultado do plebiscito, baseado nas deliberações do 3º Congresso da USP, e se constituiu numa proposta completa de reforma dos estatutos da USP que foi encaminhada à reitoria como contribuição da Adusp, do DCE e do Sintusp à discussão e votação do novo estatuto da USP.

Como consta no artigo do professor João Zanetic (IF-USP) na Revista Adusp de Outubro de 1997, as principais propostas sugeridas pelo 3º Congresso tratavam da eleição direta e paritária para chefe de departamento, diretor de unidade e reitor com exigência mínima de título de doutor para o cargo e principalmente da mudança de composição dos conselhos com 50% de professores, 25% de funcionários e 25% de estudantes. Ambas as propostas foram derrotadas na seção do Conselho Universitário. As eleições para chefe, diretor e reitor continuaram indiretas e restritas aos níveis mais altos da carreira docente e os conselhos continuaram com reuniões não abertas à comunidade universitária e com composição predominante dos professores, principalmente dos professores titulares.

Isso demonstra como, apesar de todo um debate travado na comunidade universitária e referendado nas deliberações do 3º Congresso, o órgão que teoricamente representaria toda a

comunidade universitária já se mostrava anti-democrático. Um dos motivos é que a estrutura organizativa da universidade leva inexoravelmente a problemática de representatividade, tendo em vista que a casta de professores titulares apresenta um peso desproporcional nos órgãos de decisão da universidade. A edição 35 da Revista Adusp aponta que *“os titulares são 833 na USP, mas ocupam 76 dos 108 assentos do CO, ou 70,4%. A subcategoria docente mais numerosa na USP, os professores doutores, que são 2726, ocupa apenas 2 dos 108 assentos, ou 1,9%”*. Contam ainda 5 cadeiras para um representante dos “antigos alunos” (tradicionalmente, um professor), um representante da Federação de Agricultura do Estado, um representante da Federação do Comércio do Estado, um representante da Federação das Indústrias do Estado e um representante das Entidades Associadas (podendo ser uma fundação privada). Do outro lado da balança, os estudantes e funcionários têm direito a 12 representantes (11,1% dos assentos) e 3 representantes (2,8% dos assentos), respectivamente.

*“os titulares são 833 na USP, mas ocupam 76 dos 108 assentos do CO, ou 70,4%. A subcategoria docente mais numerosa na USP, os professores doutores, que são 2726, ocupa apenas 2 dos 108 assentos, ou 1,9%”*.

Uma vez que o artigo 102 do Estatuto da USP coloca que as decisões só poderão ser tomadas em primeira e segunda convocação com maioria absoluta dos seus membros, não há deliberação sem a presença dos professores titulares. Assim, como os titulares apresentam tal poder de decisão e ainda são os responsáveis por aprovar ou não os novos candidatos ao nível de

titularidade, a estrutura tende a reprodução.

Deve-se ressaltar ainda a contradição existente no fato de que o suposto mérito acadêmico é colocado como critério para concessão de um cargo essencialmente político. Afinal, qual a relação entre a experiência e acúmulo na pesquisa de genética populacional e a prioridade nas decisões institucionais? Entretanto o próprio critério acadêmico é constantemente questionado na indicação da titularidade. Como coloca o professor Benedito Machado da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto na Revista Adusp de Janeiro de 1996, *“O atual estatuto estabelece que apenas 10% do quadro são ou serão competentes o suficiente para se tornarem professores titulares. Ainda que o perfil acadêmico do professor titular não esteja definido em qualquer artigo do estatuto ou mesmo dos regimentos das unidades, estabelece-se por critérios que certamente não são acadêmicos, que poucos podem atingir o topo da carreira. A ausência do perfil acadêmico do*

# Análise do Estatuto e Regimento Geral da Usp

professor titular permite que as conveniências políticas dentro de cada unidade definam momento a momento o perfil adequado para o próximo titular. Isto implica que na maioria dos concursos o candidato ao cargo de professor titular é o único inscrito, indicando que algo de errado existe neste sistema estranho de promoção acadêmica. Dessa forma, apesar de certos avanços democráticos na reforma universitária que eliminou a figura do catedrático e reorganizou a universidade a partir de departamentos, a estrutura de poder baseada em castas não foi eliminada, uma vez que, como substituição à cátedra, foi implementado o cargo de professor titular, considerado “membro nato” da universidade – membros que já tinham assento garantido nos conselhos dos departamentos sem a necessidade de eleição de representação, ao contrário dos outros níveis da categoria docente. O formato de estrutura implementado com a reforma universitária de 1968, portanto, tende a reprodução, assim como acontecia com o sistema catedrático, apenas com a diferença de patamar advinda da multiplicação dos pólos de poder.

Um outro dado importante na análise é que muitos professores da USP na década de 70 tiveram suas funções acadêmicas cassadas em virtude do Decreto nº 477 vinculado ao AI-5. As contratações e recontrações de docentes e funcionários só foram realizadas integralmente em meados da década de 80, acentuando ainda mais o desequilíbrio político que existia nos colegiados uma vez que certa parcela da categoria docente foi impedida de esboçar qualquer ascensão na carreira.

Na tentativa de demonstrar o conflito ideológico que se apresentava naquela seção do CO que pautou a reforma estatutária de 1988 e fomentar dessa maneira o debate sobre projeto de universidade, diretamente ligado à discussão da estrutura de poder, o então representante dos professores doutores Franklin Leopoldo solicitou que o voto dos conselheiros fosse aberto. Segue a intervenção do professor que consta na ata daquela reunião do CO: “As questões que se discutirão aqui, a partir de hoje, não devem ser, evidentemente, tratadas, nem no seu conteúdo, nem na forma de discussão, desvinculadas da realidade atual da Universidade. As discussões que se dariam aqui não têm apenas o escopo de alterar itens do Estatuto, mas espera-se que essas alterações reflitam as concepções de Universidade que prevalecem neste Conselho. Nesse sentido, para que essas concepções sejam explicitadas e discutidas, o voto aberto é enriquecedor de discussão, porque força a explicitação dessas concepções. (...) Concepções de política cultural devem ser objeto de tomadas claras de posições e de um cotejo sereno dessas posições, para que nós aqui, e o restante da comunidade, possamos avaliar, com clareza o modo pelo qual este Conselho está entendendo esta mudança e está

*Obedecendo a proporção determinada pelo Artigo 56, da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – nº 9.394/1996, os colegiados da universidade deveriam respeitar a representação mínima de estudantes (15%) e funcionários (15%), eleitos por seus pares.*

*tentando corrigir os rumos da instituição.” (Ata da 769ª Sessão, 1988, p. 11). Apesar dessa e de outras defesas, 53 conselheiros votaram a favor do “voto secreto” e 31 a favor do “voto aberto”.*

Foi, nessas circunstâncias, que se aprovou o reforma estatutária de 1988 que, com algumas sutis modificações, mantém seus eixos políticos e a tendência à reprodução de suas estruturas organizativas, a qual conta ainda com a influência do poder de indicações de reitor. Como o reitor decide o diretor das unidades a partir de uma lista tríplice e, portanto, decidem os próximos membros do Conselho Universitário – principal órgão de deliberação da Universidade – e uma vez que os membros do CO serão os principais responsáveis pela decisão da eleição de próximo reitor, abre-se a possibilidade de permanência de um restrito grupo de professores nos principais postos da universidade. Cabe ainda destacar o fato curioso envolvendo a formação da Congregação da EACH, em que 12 de seus integrantes foram diretamente indicados pela reitoria e pelo CO, garantindo a manutenção da linha política em uma unidade recente da universidade.

Do ponto de vista dos estudantes e funcionários, a representação de ambas as categorias é, como já colocado, bastante reduzida. E é inclusive questionada juridicamente pela comunidade universitária. Obedecendo a proporção determinada pelo Artigo 56, da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – nº 9.394/1996, os colegiados da universidade deveriam respeitar a representação mínima de estudantes (15%) e funcionários (15%), eleitos por seus pares.

A representação de funcionários é nula para os Conselhos Centrais da Universidade e Comissões (Graduação, Cultura e Extensão, Pesquisa, Pós-Graduação) e nos demais colegiados não é relacionada a um percentual do número de conselheiros, mas, pelo contrário, tem seu número já definido a priori, independentemente do tamanho do colegiado. Para os estudantes, a representação é definida a partir do número de carreiras docentes (geralmente, “10% do total de docentes” do colegiado) e não no número total de cadeiras do conselho, refletindo a hierarquia de decisão existente entre as três categorias nos colegiados. Assim, apesar do peso de decisão dos professores titulares diminuírem em fóruns menores de decisão

# Como a estrutura de poder nos influencia?

como as Comissões e Departamentos, a representação de estudantes e funcionários dificilmente supera a fatia de 15% dos colegiados.

Dessa maneira, faz-se a pergunta: por que a categoria dos professores doutores não pode ter um peso maior nas decisões dos rumos da universidade? Por que estudantes e funcionários – que debatem há décadas sobre diversos pontos do ensino superior – não podem ter um peso maior nas decisões dos rumos da Universidade? O fato é que enquanto a estrutura decisória da universidade se manter como tal, os projetos da universidade continuarão sendo elaborados por uma parcela restrita da universidade e refletirão assim as posições desse pequeno setor. A atual gestão da reitoria – que reflete os anseios do atual Conselho Universitário que a elegeu – se mostrou conivente aos “decretos” do Serra, aprovou a carta de compromisso USP/Univesp, negligenciou as demandas de permanência estudantil e ainda utilizou a força policial para “resolver” problemas internos da universidade. E, mais do que o mérito dessas questões, trata-se de apontar como a nenhum desses pontos foi concedido espaço de discussão democrática na comunidade uspiana.

A estrutura de poder da USP necessita de uma mudança profunda que transcende a bandeira de diretas para reitor e diretores. Apesar da posição de reitor e de diretor apresentarem certos privilégios como na questão da indicação da lista tríplice e nas negociações trabalhistas como consta no Estatuto dos Servidores da USP, os principais fóruns de decisão da universidade são os colegiados e não pessoas e cargos individuais como consta no artigo 16 do Estatuto que define as competências do CO e como consta no artigo 39 do Regimento Geral da USP que trata sobre as competências da Congregação, entre elas, a impugnação de atos do diretor. Assim, apesar de um pequeno avanço na mudança da forma de eleição de reitor e diretor, a democratização da universidade passa essencialmente pelo questionamento dos privilégios da titularidade e pela reivindicação de uma composição mais democrática que garanta o devido espaço a estudantes, funcionários e professores doutores

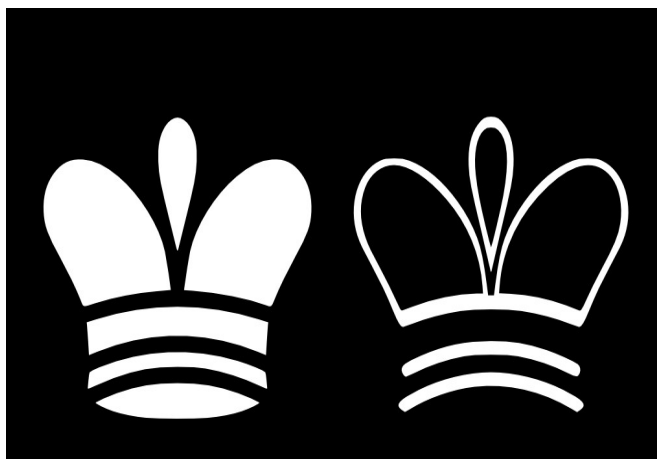
## Como a estrutura de Poder nos influencia?

Há alguns anos, o movimento de professores, funcionários e estudantes coloca a necessidade urgente de um debate a respeito dos órgãos de decisão da universidade. A gestão da reitoria, que chega nesse segundo semestre ao seu fim, foi marcada por inabilidade política, uso da força policial e descaso com as demandas da comunidade universitária.

Em 2007, a Reitoria – convocada insistentemente a reuniões públicas para expor suas posições a respeito dos “Decretos” do governador José Serra implementados em 1/1/2007 – decidiu por não aparecer em nenhum desses espaços. A ausência da reitora – indicada pelo então governador Geraldo Alckmin – e dos demais representantes da reitoria demonstrava a sujeição ou, no mínimo, concordância política da reitoria com o governo estadual, negligenciando conseqüentemente qualquer fórum de questionamento dos decretos implementados. O silêncio da reitoria foi um dos principais fatos que desencadearam a “ocupação” do mesmo ano, movimento que garantiu a eliminação parcial das medidas esboçadas por Serra.

No ano de 2008, a reitoria decidiu cancelar o programa “Bolsa Trabalho” e substituí-lo por um outro programa, o Programa “Aprender com Cultura e Extensão”. A mudança se baseava em uma reivindicação histórica do movimento estudantil de tratar tais projetos do ponto de vista do tripé ensino, pesquisa e extensão e do ponto de vista da permanência estudantil e não como projeto de recrutamento de mão-de-obra tal como estava sendo conduzida. Professores da Faculdade de Educação (FE) se responsabilizaram por um estudo criterioso da questão de permanência na universidade e fizeram sugestões de mudanças do programa “Bolsa Trabalho”. Entretanto, a recente proposta da reitoria não implicou uma mudança significativa do caráter dos projetos inseridos no programa e trouxe como uma das principais mudanças a diminuição do número e do valor das bolsas. Tudo isso foi deliberado a despeito de reclamações dos estudantes dos projetos e a despeito do próprio estudo que supostamente orientou a alteração.

Ainda em 2008, um outro fato político foi a deliberação das diretrizes para orientar a criação de cursos de ensino à distância vinculadas ao programa Universidade Virtual do Estado de São Paulo (UNIVESP) no Conselho de Graduação (CoG) com o agravante de que a carta de compromisso USP/UNIVESP tenha sido assinada sem nenhuma discussão em colegiados, caracterizando-se simplesmente como um diálogo reitora-governador.



# Como a estrutura de poder nos influencia?

Ainda em maio de 2008, o Instituto de Biociências aprovou um projeto de curso de Licenciatura em Ciências Biológicas à distância elaborado. Sem discutir o mérito do projeto nesse momento, o fato é que ele foi aprovado dois dias após um plebiscito realizado com toda a comunidade do IB cujo resultado foi uma negação enfática ao projeto. Apesar de posições constantes de estudantes e de diversos professores, o projeto foi aprovado em uma discussão de aproximadamente uma hora.

Nesse ano, houve ainda a aprovação do curso de Licenciatura em Ciências à distância no Conselho Universitário (CO) e a aprovação das diretrizes para o vestibular do referido curso no CoG. Apesar de toda a mobilização e de toda tendência de debate realizado pelo restante da comunidade universitária, a maioria dos

membros de ambos os conselhos decidiram apoiar o programa Univesp e definitivamente implementá-lo na Universidade. Além disso, novos fatos levantam o debate sobre

*"As políticas sobre permanência estudantil, grade curricular, espaços estudantis, utilização do orçamento da universidade, entre outras, são deliberadas nos colegiados da universidade"*

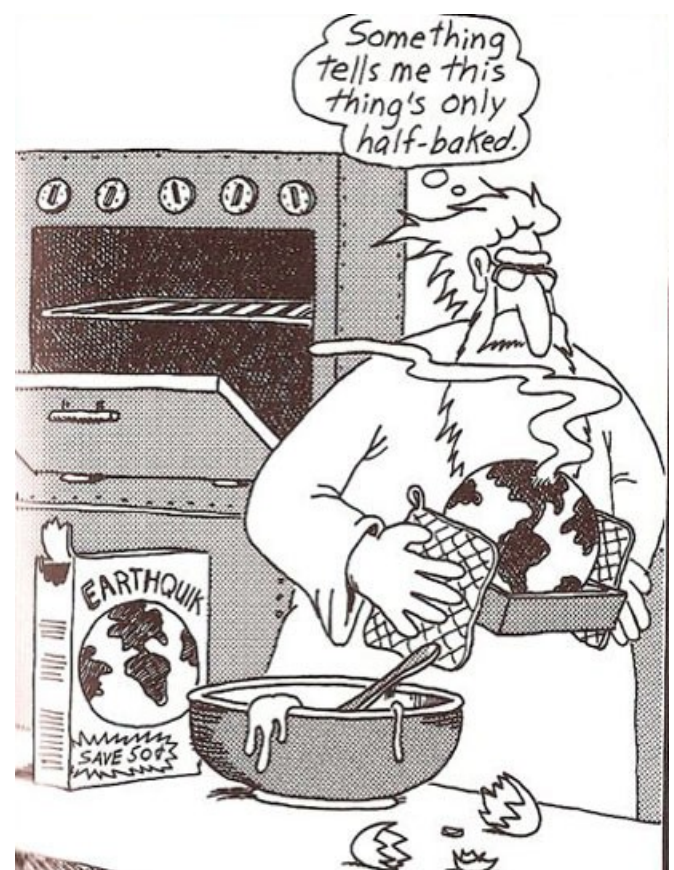
democracia nos órgãos de decisão da universidade. Em fins de gestão, as diretrizes orçamentárias elaboradas pela Reitoria para esse ano e aprovadas no Conselho Universitário no ano passado contam com os projetos de paisagismo hoje implementados no campus Butantã e que demandaram uma fatia importante do orçamento da universidade. Em meio a problemas tais como a superlotação de salas de aula, insuficiência na política de permanência estudantil (metade dos estudantes que reivindicam moradia no CRUSP conseguem ser atendidos, por exemplo) e congelamento de salários, a reitoria decide direcionar o orçamento a outros fins.

Podemos ainda acrescentar outras medidas importantes tomadas no âmbito da Universidade como as ameaças ao uso dos espaços estudantis, o corte de verbas destinadas a Centros Acadêmicos como ocorreu na Escola Politécnica, a tentativa de criação do curso de Biomedicina a despeito das posições da Faculdade de Farmácia, a implementação do Convênio USP/Monsanto no Conselho de Pesquisa apesar dos debates travados na academia a respeito da multinacional, as recentes alterações de grades curriculares realizadas em vários cursos sem o debate prévio,

as mudanças no plano de carreira docente negligenciando o acúmulo da Associação dos Docentes da USP (Adusp), entre outros.

Os exemplos colocados até aqui tem o objetivo de demonstrar como a estrutura de poder da USP influencia o seu dia-a-dia na universidade e tende a definir o atual projeto de universidade que a USP conduz. Não se trata, portanto, de órgãos meramente técnicos e burocráticos que demandariam apenas a presença de funcionários especializados. Trata-se de um órgão político como consta no próprio estatuto da universidade: "O Conselho Universitário é o órgão máximo da USP, com funções normativas e de planejamento, cabendo-lhe estabelecer a política geral da Universidade para a consecução de seus objetivos" (artigo 16).

É pelos motivos apresentados que o Centro Acadêmico de Biologia estará organizando a partir da próxima semana uma série de atividades para debater a estrutura organizativa da universidade.



# Bio na Rua - 2009

Seguindo o bem sucedido exemplo de extensão realizado há anos por universidades como UFRJ, Unesp Botucatu, UnB, UFMT entre outras, foi realizado pela primeira vez o *Bio na Rua* pelos alunos da Biologia USP no parque do Ibirapuera ao longo do dia 12 de Setembro. A atividade foi organizada por iniciativa do Centro Acadêmico da Biologia USP para mostrar às pessoas um pouco dos estudos e pesquisas que os biólogos realizam. A intenção foi fazer da biologia um assunto mais próximo do cotidiano das pessoas, versando diversas abordagens para discutir o conhecimento adquirido em sala de aula.

O *Bio na Rua* contou com a participação de muitos alunos, de vários anos da graduação, diurno e noturno, além de alunos da pós-graduação. Cada aluno pôde expor sobre um ou mais temas que lhe atraíam, contando às pessoas informações diversas. Dessa forma, pôde-se também treinar a habilidade de transposição didática com o público, que variou de adultos a crianças. Foram apresentados para exposição materiais gentilmente cedidos por professores e itens

emprestados dos museus seco e úmido do Centro Didático do IB, além de materiais pessoais. Contou-se também com estereomicroscópios e microscópio óptico do Instituto para realçar as apresentações.

O público certamente se divertiu e mostrou-se profundamente interessado nos mais diversos temas apresentados. A cada momento formavam-se grupos de ouvintes para escutar as explicações e observar os materiais. O sucesso não foi apenas com o público infantil, que a cada momento ficava mais encantado, mas também com o adulto que fazia muitas perguntas. Profissionais de diversas áreas mostraram interesse em biologia como face interdisciplinar com o que realizavam, assim a exposição alcançou tantos objetivos quanto um bom grupo de estudantes de biologia é capaz de fomentar.

Dispostos em bancadas, apresentaram-se temas que tangeram desde a botânica, zoologia, ecologia, genética entre outras áreas. A metamorfose de anfíbios e suas curiosidades foram abordadas, assim como o assunto de espécies invasoras como a rã-touro. A diversidade de artrópodes, o processo de muda, exoesqueletos e ecologia também foram apresentados, mostrando, por exemplo, animais chamativos e temidos como escorpiões e aranhas além de vários dos belos representantes de insetos como abelhas, sua ecologia e comportamento.

Os invertebrados marinhos também foram expostos, mostrando a diversidade marinha e as relações ecológicas que se estabelecem na natureza. As pessoas também puderam acompanhar a estrutura geral de células vegetais e de mucosa bucal, além de atentarem para a diversidade de espécies vegetais presentes no parque. O público pode atentar inclusive para o conceito mutações



**O Centro Acadêmico agradece a Diretoria do Instituto de Biociências pela colaboração e empréstimo de materiais, assim como aos professores que ajudaram com materiais, divulgação e apoio. Agradecemos também aos alunos que estavam presentes e que fizeram do evento um verdadeiro espetáculo didático e informativo.**

e observá-las em exemplares de drosófilas. A exposição também contou com abordagem sobre mimetismo, observando na camuflagem dos bichos-pau, mecanismos de defesa e ataque, prevenção, cuidados com ataques animais entre outros temas. O foco central foi levar um pouco da biologia para o dia a dia das pessoas enfocando o entendimento da dinâmica ambiental e de como o homem está inserido neste contexto.

Devido ao sucesso do *Bio na Rua*, observado não só pelo público que parabenizou a exposição, mas também pelos próprios alunos que se sentiram felizes e satisfeitos pela realização, pretende-se realizar essa atividade semestralmente e transformá-la oficialmente num projeto de extensão.

A meta agora é organizar mais um *Bio na Rua* para o primeiro semestre de 2010, com maior apoio e repercussão, já que se sabe de mais alunos interessados em participar e que o bom desempenho deste ano sugere um próximo evento ainda melhor.

# Bio na Rua – 2009

## O que disseram por aí....

*Olá,  
Parabenizo a todos pela iniciativa em realizar o evento.  
Coloco-me à disposição para auxiliar se necessário nas  
próximas edições.*

Carlos E. Falavigna da Rocha (Vice-Diretor do IB)

*Prezados,  
Grato por compartilhar a experiência deste 'Bio na Rua'.  
Fico feliz em saber que a avaliação de vocês tenha sido tão  
positiva e assim, com certeza, haverá mais motivação para  
uma nova edição do evento. Parabéns e terei prazer em  
colaborar novamente se necessário.*

*Abraços*

Fábio Lang da Silveira – Professor do Departamento de  
Zoologia

*Parabéns, moçada!*

Eleonora Trajano - Professora do Departamento de Zoologia

*Parabéns pela iniciativa, continuem assim.*

*Abraço,*

José Mariano Amabis – Professor aposentado do  
departamento de genética e Biologia Evolutiva

*Caros,*

*fiquei bastante satisfeito que tudo ocorreu bem. mais uma  
vez, parabéns pela iniciativa e conte comigo para o que for  
necessário.*

*grande abraço,*

Luis E. S. Netto - Professor do Departamento de Genética e  
Biologia Evolutiva

*Olá,*

*Parabéns pelo sucesso do evento. Espero que ele se repita  
por muitos anos. Essa iniciativa é excelente!!!*

Cristina Yumi Miyaki - Professora do Departamento de  
Genética e Biologia Evolutiva

*Parabéns! Foi uma ótima iniciativa.*

Lurdes Foresti de Almeida Toledo - Professora do  
Departamento de Genética e Biologia Evolutiva

*Oi Gente, sempre tive vontade de fazer coisa similar no  
centro de São Paulo com as réplicas de hominídeos fósseis  
que temos aqui na coleção Thomas Van Der Laan.*

Walter Neves- Professor do Departamento de Genética e  
Biologia Evolutiva

*Parabéns pela iniciativa!!!*

Gisele Akemi Oda – Professora do departamento de  
fisiologia

*Meus parabéns e meus agradecimentos pela excelente  
atividade.*

*Abraço*

Wellington Braz carvalho Delliti – Diretor do IB

*"Cada dia na vida há uma nova surpresa', certamente foi o  
que pensaram aquelas pessoas durante o Bio na Rua"-  
Chopin, 08I*

*" paramos para escutar as contribuições que as pessoas  
traziam, sobre nomes de peixe,  
tipos de planta e tudo mais, descobrimos de fato, que 'de  
Biólogo e louco tudo mundo tem um pouco." - Peralta, 09 I.  
(kyoshi beraldo)*

*"Era incrível ver as pessoas amontoando suas bicicletas na  
calçada para nos ouvir falar. Gente de todas as idades e  
profissões nos perguntavam mostrando muito interesse e  
entusiasmo! E mais incrível ainda era a sensação que sentia  
ao ver crianças deixando as estações dizendo: 'quando  
crescer quero ser biólogo!'"*

Yuna, 08 I. (Renata Bianca Santos Porto de Araújo)

*"Transmitir o nosso conhecimento às pessoas é uma  
satisfação muito grande, especialmente quando esse  
conhecimento é recebido com tanto entusiasmo quanto foi  
recebido pelas pessoas que passeavam pelo parque do  
Ibirapuera durante o Bio na Rua. Considero esse evento não  
apenas uma pequena contribuição para a sociedade, mas  
acima de tudo um grande ganho pessoal. Para muitos dos  
voluntários que participaram, deve ter sido a primeira  
experiência didática que tiveram, além de ter sido muito  
agradável graças à receptividade das pessoas. As coisas  
serão muito diferentes numa sala de aula, mas acredito que  
esse evento seja um ótimo treino para aqueles que querem  
ser professores. Não que seja restrito para estes, pelo  
contrário, quanto mais gente participar mais interessante e  
organizado será."*

Exu, 08 I. (Dalmo Kawauchi)

*"Para muitas pessoas, o mundo da ciência é um mundo  
distante, trancafiado em laboratórios, praticamente  
intocável. E é dessa forma que muitos enxergam a Biologia.  
No entanto, nós sabemos que não é assim. As ciências  
biológicas fazem parte do nosso cotidiano, e os  
conhecimentos dessa área nos ajudam a entender  
acontecimentos do nosso dia-a-dia e a enxergar as  
conseqüências de nossas atitudes para a vida no planeta.  
O Bio na Rua foi uma ótima oportunidade para mostrar isso  
àqueles que não conhecem a Biologia tão de perto. Foi uma  
forma de proporcionar descobertas àqueles que pretendiam  
apenas dar um passeio pelo parque, de estimular a  
curiosidade dos que passavam de bicicleta, de chamar a  
atenção de idosos, adultos e crianças... e, acima de tudo,  
foi uma forma de provar aos que passaram por ali – e a nós  
mesmos – que o conhecimento biológico pode – e deve –  
sair do laboratório.*

*Participar do Bio na Rua e ajudar a fazer esse evento  
acontecer foi uma experiência incrível! Só não digo que foi  
uma experiência única, porque espero que tenha sido a  
primeira de muitas. Afinal, se nós tivemos a oportunidade  
de estar em uma universidade e de nos aproximar do  
mundo da ciência, temos também a responsabilidade de  
proporcionar a outros a oportunidade de conhecer ao  
menos um pouco desse mundo." Decote, 07I (Raissa)*

